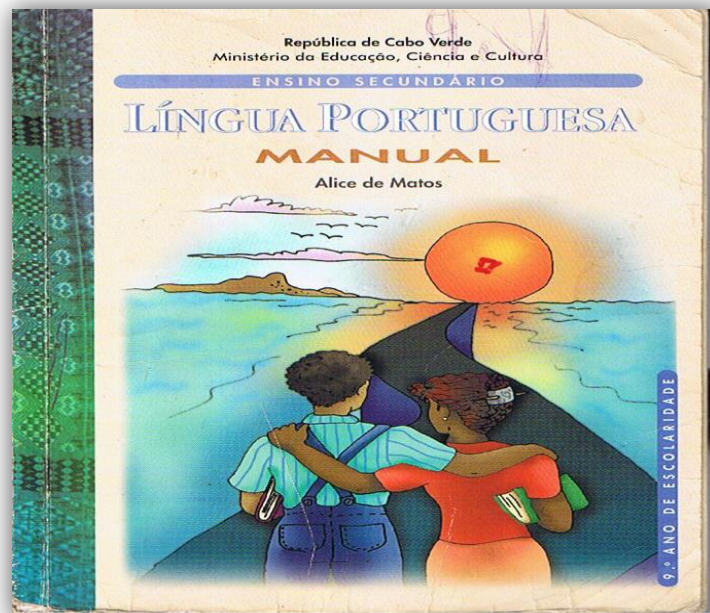


Lévine Fonseca Silva

**A Articulação Progressiva Entre os Conteúdos
Programáticos da Língua Portuguesa:
Análise do Manual do 9º Ano e do Programa do 2º Ciclo**



**Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e
Portugueses**

Universidade de Cabo Verde – Setembro de 2010

LÉVINE FONSECA SILVA

TEMA:

A ARTICULAÇÃO PROGRESSIVA ENTRE OS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DO MANUAL DO 9º ANO E DO
PROGRAMA DO 2º CICLO

LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES

TRABALHO CIENTÍFICO APRESENTADO À UNICV PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE LICENCIATURA EM ESTUDO CABO-VERDIANOS E
PORTUGUESES, SOB ORIENTAÇÃO DA MESTRE Dr.^a. MARIA DE LOURDES
LIMA

LÉVINE FONSECA SILVA

TEMA:

A ARTICULAÇÃO PROGRESSIVA ENTRE OS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS
DA LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DO MANUAL DO 9º ANO E DO
PROGRAMA DO 2º CICLO

O Júri

O Presidente do júri

O Arguente

A Orientadora

Praia, ____/____/____

Dedicatória:

Dedico este trabalho a todos aqueles que me ajudaram durante a minha formação, a minha família, em particular aos meus pais e irmãos: Cipriano Silva e Judith Fonseca, Lenine Silva, Marlice Silva e João Paulo Silva.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar queria agradecer a Deus pela força que me tem dado deste da minha existência e sem essa força seria impossível chegar onde cheguei.

O presente trabalho só foi possível devido a grande ajuda, ao tempo e ao empenho da minha orientadora, a Dra. Lourdes Lima, para ela, um agradecimento muito especial.

Por fim queria agradecer todos os meus colegas que labutaram muito ao meu lado durante esses cinco longos e preciosos anos da minha vida.

***Bons professores são mestres temporários, professores
fascinantes são mestres inesquecíveis.***

**Augusto Cury (*Pais Brilhantes, Professores
Fascinantes*)**

ÍNDICE

Capítulo I

1.1. Introdução	8
1.2. Justificativa	10
1.3. Objectivos	10
1.4. Enquadramento teórico.....	12
1.5. Metodologia.....	15
1.6. Estrutura do trabalho.....	16

Capítulo II - Apresentação do Programa do 2º ciclo do ensino secundário e do Manual do 9ºano.....

2.1.Apresentação do Programa do 2º ciclo do ensino secundário.....	17
2.1.2. Perfil de saída do 10 º ano	18
2.1.3. Divisão do Programa	19
2.2. Apresentação do Manual do 9º ano de escolaridade.....	19
2.2.1. Organização do Manual	20
2.3. Apresentação em quadro o índice dos textos do manual.....	20
2.4. Funções do manual escolar	23

Capítulo III

3.1. Análise dos textos escolhidos no manual.....	26
---	----

Capítulo IV

4.1.Análise dos questionários	37
4.2. Relatório das aulas assistidas	39
4.3.Algumas propostas para possíveis melhorias do manual	44

Capítulo V - Considerações finais

VI - Referências bibliográficas

VII - Anexo

Capítulo I

1.1. Introdução

O presente trabalho foi elaborado no âmbito da Licenciatura em Estudos Caboverdianos e Portugueses.

Será apresentada uma análise comparativa crítica entre o manual de língua portuguesa do 9º ano de escolaridade da autora Alice de Matos e o programa do 2º ciclo (9º e 10º anos) da mesma disciplina.

O manual de Língua Portuguesa é o principal instrumento de estudo dos alunos do 9º ano, por isso resolveu-se fazer uma análise com o programa que é o documento cedido pelo Ministério da Educação e serve de apoio aos professores para a elaboração dos programas da disciplina. Tratando de dois instrumentos muito importantes tanto para os professores como para os alunos, pretende-se neste trabalho analisar alguns aspectos importantes, uma delas é ver se esses dois documentos estão ou não em sintonia um com o outro.

Na perspectiva de Maria Oliveira e Pinto, “programa e manuais deveriam coincidir quer nos conteúdos seleccionados, quer na sua apresentação, quer, ainda, nas formas como pretendem que sejam transmitidos/apropriados pelos professores e alunos”.

FERRAZ, apud Maria Oliveira e Pinto, também tem uma mesma linha de pensamento, porém afirma,

“ (...) um manual não é uma cópia do programa (e nunca o poderá substituir), mas reflecte a apropriação que o autor ou os autores tenham feito dele, e traduzem-se nos conteúdos privilegiados, nas indicações metodológicas, na importância dada às actividades, aos suportes científicos, culturais, no respeito pelos objectivos definidos em relação com as finalidades do sistema educativo. É a apresentação de um projecto pessoal ao serviço do ensino e da aprendizagem.”

Primeiramente é apresentado o manual e o programa de forma mais ou menos detalhada, será apresentado as suas organizações, ou seja, como estão divididos cada um deles. Para além disto, no trabalho aparece qual é o perfil de saída do aluno do 2º ciclo do ensino secundário, proposto no programa.

Uma das formas de fazer esta comparação é através da análise de dez textos do manual, escolhidos de forma aleatória. Vai-se fazer uma leitura dos textos, verificar quais as actividades para a compreensão dos mesmos e depois ver se o programa apresenta ou não propostas para o seu estudo.

A opinião dos professores da disciplina de Língua Portuguesa é muito importante num trabalho deste tipo, por isso, foi-se ver a opinião dos docentes da Escola Secundária Abílio Duarte que lecciona a disciplina no nono ano de escolaridade.

Para finalizar o trabalho foi apresentado algumas propostas para um possível melhoramento do manual.

1.2. Justificativa

O programa e o manual são dois instrumentos fundamentais na prática docente. Desempenham um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem, razão por que neste trabalho de fim de curso se faz a opção por analisar o programa e o manual do 9º ano de escolaridade tanto na sua concepção e na implementação no contexto de sala de aula, tendo em conta o tema, como a seguir se define.

O trabalho tem como tema: *A Articulação Progressiva entre os Conteúdos Programáticos da Língua Portuguesa: Análise do Manual do 9º Ano e do Programa do 2º Ciclo.*

A escolha do tema baseou-se no facto de Cabo Verde ter como língua materna a língua cabo-verdiana e como língua segunda e oficial o português. Também durante o decorrer do curso, em algumas disciplinas foi abordado o assunto, o que despertou uma certa curiosidade e pretendo neste trabalho aprofundar os meus conhecimentos e tentar apresentar algo de novo sobre o tema. Para além do que já foi dito, teve-se a necessidade de fazer um estudo para constatar se existe uma reciprocidade ou não entre o manual de língua portuguesa do 9º ano e o programa do respectivo ciclo.

Outro motivo é o facto de em Cabo Verde a língua materna influenciar muito a aprendizagem de uma língua segunda que neste caso é o português, isto nota-se muitas vezes quando um cabo-verdiano fala português e vê-se alguma interferência da sua língua materna, a língua cabo-verdiana.

Em Cabo Verde temos uma situação linguística caracterizada pela presença de duas línguas: a língua cabo-verdiana que é a língua materna e a língua portuguesa que é a língua oficial.

São duas línguas que desde sempre tiveram um percurso diferente, a língua portuguesa passou a existir em Cabo Verde desde o povoamento das ilhas, ou seja desde 1462 era a língua administrativa consequentemente falada por uma minoria. Já por sua vez a língua cabo-verdiana surgiu no momento em que houve o contacto entre a língua do colonizador e as línguas dos colonizados, como um não entendia o outro e havia a necessidade de se comunicar surgiu uma língua que evoluiu até chegar ao crioulo, que

recentemente optou-se por chama-la de língua cabo-verdiana. A língua era o símbolo de uma cultura, de uma civilização, de um povo civilizado, ao passo que o dialecto é o resultado da incapacidade de povos atrasados assimilarem correctamente uma língua de cultura e de civilização.

Maria de Lourdes Lima na sua tese de mestrado sobre as confluências das línguas cabo-verdianas e portuguesa, refere um “bilinguismo institucional”, isto é, um bilinguismo proposto pela instituição política, uma vez que, na prática são poucos os cabo-verdianos que dominam as duas línguas existentes no arquipélago.

Esta afirmação vai ao encontro do que diz o artigo 9º da Constituição da República de Cabo Verde, nas alíneas 1,2 e 3:

É língua oficial o Português, o Estado promove as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, em paridade com a língua portuguesa. Todos os cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las.¹

Mesmo os que dominam essas duas línguas, em certas situações recorrem ou a uma ou a outra, por exemplo a maioria das manifestações culturais de Cabo Verde estão em língua cabo-verdiana.

Para além de tudo que foi dito sobre as duas línguas dominantes em Cabo Verde e sendo o português a língua de ensino, resolveu-se fazer uma análise entre o manual de língua portuguesa e o programa do segundo ciclo do ensino secundário.

1.3. Objectivos

Para a elaboração do presente trabalho traçámos os seguintes objectivos, sendo estes divididos em gerais e específicos.

Os gerais são:

- Análise do programa do 2º ciclo e do manual da disciplina de Língua Portuguesa do 9º ano de escolaridade.

¹ Constituição da República de Cabo Verde. Artigo 9º, alíneas 1 a 3. 2007, p. 12.

- Propostas de estratégias para aperfeiçoar a prática reflexiva na aula de língua portuguesa.

Os específicos são:

- Estabelecer percentagem da variedade de textos utilizados na sala de aula
- Apresentar o tempo disponibilizado para tarefas de funcionamento da língua e da produção escrita na sala de aula
- Apresentar a opinião dos docentes sobre o programa e o manual em estudo
- Propor algumas sugestões de melhoria do manual, a partir das aulas observadas (no âmbito do estágio pedagógico).

1.4. Enquadramento teórico

Para a elaboração do trabalho acima apresentado teve-se a necessidade de esclarecer alguns conceitos fundamentais no campo dos estudos linguísticos e de outras áreas do conhecimento.

Os conceitos de Língua Materna (LM) e de Língua Segunda (LS) são dois conceitos que aparecem de uma forma ou de outra inter-relacionados.

A língua materna contribui para a identificação das pessoas, ela é uma parte integrante da formação socioeducativa do indivíduo, ele aprende na sua língua materna os valores pessoais e sociais. A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade, onde o indivíduo está inserido.

Esses conceitos aparecem em diferentes estudos, no *Dicionário de Didáctica das Línguas*, a entrada que deveria ser consagrada à língua materna, os autores reenviam o leitor para a entrada de língua estrangeira que diz:

“A aprendizagem no meio escolar de qualquer língua natural que não seja a L1 está associada à pedagogia de uma língua não materna ou “estrangeira” qualquer que seja o estatuto oficial dessa língua na comunidade em que o aluno vive.”²

Pode-se então afirmar que nesse dicionário, a língua materna é apresentada como aquela que não é estrangeira e vice-versa.

A investigadora Inês Duarte apresenta o conceito de “língua natural” para denominar a LM, apresentando a seguinte definição: “uma língua natural é uma língua materna de uma comunidade linguística quando é ela que as crianças nascidas nessa comunidade desenvolvem espontaneamente como o resultado do processo de aquisição da linguagem.”³

Em várias culturas a língua materna é geralmente aquela que é falada pela mãe, mas encontramos muitos casos onde as crianças aprendem primeiro a língua falada pelo pai, ou ainda em certas ocasiões falada por outras pessoas, que com elas convivem no dia-a-dia, como é o caso das empregadas domésticas.

No que diz respeito ao ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, Amália de Melo Lopes cita Vygotsky (1934: 94), que apresenta dois aspectos importantes no diz respeito ao tema: o primeiro é que a aprendizagem de uma língua estrangeira é um processo consciente e deliberado, tal como a aprendizagem dos conceitos científicos na escola e da escrita.

Vygotsky ainda diz que “ o êxito na aprendizagem depende de um certo grau de maturidade na língua materna” (op.cit., id.). A criança pode transferir para a língua-alvo o sistema de significados que já possui na sua própria. O oposto também é verdadeiro – uma língua estrangeira facilita o domínio de formas mais elevadas da língua materna. (op.cit., id.).

No que concerne ao conceito de Língua Segunda, não aparece porque pode existir uma terceira ou uma quarta, surge porque é aquela aprendida depois da Língua Materna, por

² Cost et Galisson. *Dicionário de Didáctica das Línguas*. 1986.

³ Inês Duarte. *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. 2000, p. 15.

necessidade de comunicação ou de socialização, assim sendo a LS também diferencia-se da Língua Estrangeira. Pode-se ver o caso de Cabo Verde onde temos como LM a língua cabo-verdiana e como LS a língua portuguesa e como LE a língua francesa e a inglesa.

A aquisição de uma Segunda Língua e a aquisição de uma Língua Estrangeira (LE) assemelham-se, no facto de ambas serem aprendidas por indivíduos que já possuem habilidades linguísticas de fala, isto é, por alguém que possui outros pressupostos cognitivos e de organização do pensamento que aqueles usados para a aquisição da L1.

Durante muito tempo saber uma língua tinha diferentes significados e em função da pessoa: “ para muitos e durante muito tempo, significou, antes de mais, compreender textos escritos nessa língua. Para outros tem significado aprender a usá-la como instrumento de comunicação com outros falantes que a têm ou não como língua materna”. (Isabel Faria, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. 1996, p. 71). Sendo assim, pode-se afirmar que era dada mais ênfase ao ensino do que à aquisição de uma língua não materna.

É neste sentido que têm aparecido vários métodos de ensino de uma língua não materna.

O ensino/aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda é um desafio que os países que têm essa língua como não materna devem assumir para que possa haver um desenvolvimento da mesma, os países que a têm como língua materna também devem assumir o seu papel, uma vez que, todos saem a ganhar com o bom uso desta língua. Portugal deve empenhar-se muito uma vez que todos os anos recebem imigrantes dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e há que haver uma boa política de ensino para as crianças filho dos imigrantes.

A cooperação entre instituições de ensino dos países lusófonos torna-se fundamental para o desenvolvimento e afirmação da língua portuguesa no mundo, é nesse sentido que a Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP) tem realizado vários encontros entre essas universidades com o objectivo de discutir temas que dizem respeito a língua portuguesa. Esta associação desde da sua criação tem realizado vários encontros nos diversos países de língua oficial portuguesa.

No ano de 2007 foi realizado na cidade da Praia, Cabo Verde um encontro, onde participaram vários investigadores das universidades que fazem parte da associação.

A professora Maria Antónia Espadinha, da Universidade de Macau (REM, China), apresentou o tema: *Da Diversidade à Unidade* (XVII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 2007.pp.175). Ela começa por dizer que é a língua portuguesa que une todos os povos que a utilizam. Afirma: *Chamamos-lhe, a nossa língua portuguesa, sabendo embora que não significa língua dos portugueses, nem tampouco de Portugal*. A partir desta afirmação pode-se dizer que a língua portuguesa é património de todos os falantes. Todos os que a utilizam devem zelar pelo seu desenvolvimento.

A língua portuguesa como todas as línguas está sujeita a transformações e variações a nível de lugar, faixa etária, classe social e grau de escolaridade do falante. É neste sentido que Espadinha defende a unidade na diversidade na língua portuguesa. Como existem vários países que têm a língua portuguesa, uns com língua materna e outras como oficial e ainda como língua de unidade nacional, mas isto não quer dizer que há várias línguas portuguesas, o que há é uma língua com diversidades e com particularidades de acordo com o país onde ela é falada. Por exemplo um português fala e um angolano, um santomense ou um brasileiro consegue entendê-lo com maior ou menor dificuldade, mas não precisam de um intérprete, isto apesar das particularidades de cada falante.

A autora ainda defende que “não há um país que fala melhor ou pior a língua portuguesa” (op.cit., id.), por isso é contra a adopção de uma das variantes para servir de língua padrão, porque uma não é superior a outra.

1.5. Metodologia

Para a realização deste trabalho de fim de curso, foi analisado dez textos do manual de língua portuguesa do 9º ano de escolaridade e o programa do 2º ciclo do ensino secundário.

Também aplicou-se um questionário a seis professores da disciplina de língua portuguesa da Escola Secundária Abílio Duarte, para terminar assisti algumas aulas numa sala do 9º ano na referida escola.

1.6. Estrutura do trabalho

O trabalho apresenta uma estrutura que compreende, os capítulos I, II, III, IV e V e na última parte as referências bibliográficas e um anexo.

O primeiro capítulo é dedicado a introdução, a justificativa, os objectivos, o enquadramento teórico e metodologia e a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo é feita a apresentação do manual e do programa e será apresentado um quadro com o índice de todos os textos do manual.

O terceiro capítulo é sobre a análise dos textos do manual e a sua confrontação com o programa.

O quarto capítulo refere-se aos dados recolhidos nos questionários, ao resultado da assistência de algumas aulas e da minha experiência como estagiário, por fim serão apresentadas algumas sugestões de melhoria do manual.

Finalmente no quinto capítulo serão apresentadas as considerações finais.

Capítulo II - Apresentação do programa do 2º ciclo do ensino secundário e do manual do 9º ano.

Introdução

Neste capítulo será apresentado os documentos alvos da nossa análise, isto é, o programa do 2º ciclo do ensino secundário (9º e 10º anos) e também o manual do 9º ano de escolaridade. Posto isso vai-se mostrar também os textos escolhidos no referido manual que foram analisadas de forma crítica.

Os textos foram escolhidos de forma aleatória, optou-se por analisar dez (10) textos do manual, mas se for necessário serão analisadas ainda mais alguns.

2.1. Apresentação do programa do 2º ciclo do ensino secundário.

Tem como título: *Programa da Disciplina de Língua Portuguesa. 2º Ciclo 9º e 10º anos.*

O programa foi feito tendo em conta o perfil de saída do aluno do 10º ano. Segundo o programa e ao encontro da lei de bases do sistema educativo cabo-verdiano, o aluno deve saber no mínimo:⁴

- a) Manifestar espírito de pesquisa e de investigação;
- b) Saber aplicar e desenvolver a capacidade de análise;
- c) Conhecer aspectos da cultura humanística, científica e técnica, na sua ligação com a vida activa;
- d) Entender valores fundamentais da sociedade em geral;
- e) Sentir os problemas da sociedade cabo-verdiana e da comunidade internacional;
- f) Reflectir no seu pensamento e nas suas atitudes a cultura cabo-verdiana.

O programa foi feito com base na história, na literatura e no quotidiano do país, mas aborda aspectos que dizem respeito à cultura africana e europeia mais concretamente a

⁴ Programa da Disciplina de Língua Portuguesa. 2º Ciclo. 9º e 10º Anos, p. 2.

portuguesa. Tem como objectivo principal o domínio da língua portuguesa que é a língua oficial de Cabo Verde e mecanismo de ligação entre o país e o resto do mundo.

Pode-se encontrar o seguinte afirmação no programa, para justificar a sua criação.

“(…) é na cultura cabo-verdiana que o programa primeiro se alicerça: na história e nas vivências do país, na sua criatividade, na sua literatura”.

É significativo saber que são apontadas como de leitura integral, obras de modernos escritores cabo-verdianos, escritores de língua portuguesa. (Programa da Disciplina de Língua Portuguesa. 2º Ciclo 9º e 10º anos. pp. 3).

Sendo assim, o programa apresenta o seguinte perfil de saída para os alunos do 10º ano.

2.1.2. Perfil de saída do 10º ano⁵

1º. Conhecimentos. O aluno deve:

- a) Conhecer o funcionamento oral e escrito da língua portuguesa e as regras desse funcionamento;
- b) Conhecer os princípios de organização da informação e os correspondentes instrumentos de análise;
- c) Conhecer as condições de uma comunicação eficaz, em situações diversificadas;
- d) Conhecer a importância da afectividade das relações interpessoais;
- e) Conhecer os vários papéis sociais e o valor da cooperação e do trabalho em equipa;
- f) Conhecer diferentes modos de expressão artística;
- g) Conhecer os direitos, deveres e valores humanos.

2º. Capacidades e competências. O aluno deve:

- a) Usar correctamente as regras de funcionamento da língua portuguesa;
- b) Saber organizar, interpretar e analisar a informação;

⁵ Programa da Disciplina de Língua Portuguesa. 2º Ciclo. 9º e 10 Anos, p. 4.

- c) Manter uma comunicação eficaz, em situações diversificadas;
- d) Utilizar os registos diferentes em várias situações de comunicação;
- e) Ser capaz de exprimir a afectividade, de interpretar e analisar relações interpessoais;
- f) Saber cooperar e trabalhar em equipa;
- g) Saber construir ideias e projectos em acção de grupo;
- h) Saber expressar-se artisticamente, saber analisar e interpretar a expressão artística;
- i) Saber exprimir, fundamentar e sustentar valores.

3º. Atitudes e valores. O aluno deve:

- a) Apreciar a criação artística nas suas diferentes manifestações;
- b) Tomar posição na defesa do ambiente, do património e dos valores culturais;
- c) Manifestar apreço pelos valores das várias culturas.

O programa orienta a concepção do Manual. Aliás, ambos têm uma idêntica organização. Fazendo uma comparação entre o manual e o programa do 9º ano, no que diz respeito a divisão por partes, a primeira organiza-se em quatro, enquanto o segundo em três partes.

2.1.3. Divisão do programa:

- As Línguas em Gestação
- Língua e Sociedade
- A Língua e o Homem
- A Língua e a Vida Profissional

2.2. Apresentação do Manual do 9º ano de escolaridade

Título: *Língua Portuguesa – Manual*

Autora: Alice Gomes Fernandes de Matos

2.2.1. Organização do manual:

O manual tem uma nota prévia feita pela autora e depois é dividida em três partes, a saber:

- Línguas em Gestação
- Língua e Sociedade
- O Homem e a Língua

Ao fazer uma comparação entre o manual e o programa, constatamos que existe uma sintonia entre ambos, mas no programa encontramos um tema que no manual já não aparece, concretamente o item: *A Língua e a Vida Profissional*. Para além disto o manual espelha os objectivos do programa.

2.3. Apresentação em quadro o índice dos textos do manual

Título	Autor	Página
Olá.	Alice de Matos.	7
Estou a crescer.	(Adap) Alice Vieira.	9
Ler é bom.	Alice de Matos.	11
Ler é compreender.	Alice de Matos.	12
Línguas em gestação		13
Um instrumento de análise.	Amílcar Cabral.	13
«Stop».	Maria Alberta Menéres.	16
Comunicação humana.	(Adap).	
Árvore genealógica das línguas indo-europeias.	(Adap) .	20
Língua portuguesa: origem e expansão.	(Adap) Caderno de apoio, ensino complementar 10ª Classe. G. Bissau.	22
Quando chegaram os primeiros nativos.	(Adap). Basil Davidson	24
Crioulidade.	(Adap) António Leão Correia e Silva.	26
Factores condicionantes de evolução das línguas de comunicação verbal.	(Adap) António Carreira.	27
Fases da evolução do crioulo.	(Adap) António Carreira.	29
O sistema linguístico.	(Adap) Ivo de Castro.	36
As palavras viajam.	Sidónio Muralha.	37

Ao almoço na pensão.	Manuel Lopes. <i>Chuva Braba.</i>	39
«Tudo que faço da em travessura».	José Mauro de Vasconcelos.	41
A vitória do carnaval.	Manuel Rui. <i>Quem me dera ser onda.</i>	46
A ortografia.	João de Mel.	51
Do correcto ao incorrecto.	(Adap) Ivo de Castro.	55
Não deixem morrer as palavras.	(Adap) José Gomes.	56
As palavras reflectem o que queremos que elas digam.	Joaquim Santos.	59
A língua.	Carlos Drummond de Andrade.	60
As palavras.	Egito Gonçalves.	61
A idade não perdoa.	(Adap) Germano Almeida. <i>O Testamento do Sr. Napumoceso da Silva Araújo.</i>	63
Estória da galinha e do ovo.	(Adap) José Luandino Viera.	66
África com Kapa.	Mia Couto.	67
Bute?	José Gomes Ferreira	69
Eu gramou, tu gramas.	(Adap) Miguel Esteves Cardoso.	69
Auto - avaliação.	(Adap) Projecto Dianóia.	71
Língua e Sociedade		75
Escrever é transmitir ideias.	Ledonias F. Garcia.	76
A transmissão da cultura.	(Adap) Cristina Macário Lopes.	77
A morna na literatura tradicional.	(Adap) Moacyr Rodrigues	83
Razão porque a água do mar é salgada.	Ataíde Oliveira.	85
O dia em que explodiu Mabatabata.	Mia Couto.	86
Quem as visitou uma vez.	(Adap). Basil Davidson.	93
Chiquinho... Romance autobiográfico?	(Adap). Michel Laban. CV. Encontro com escritores. 1º vol.	99
Mestre Ambrósio.	Idem.	103
Capitão Ambrósio.	Mário Andrade, <i>Na noite grávida de punhais.</i>	106
Há lugar para qualquer um.	(Adap). Charles Chaplin	108
Como é que as condições sociais afectam a criatividade.	(Tradução livre). Sandra Bond e John r. Hayes. <i>The Complete Problem Solver</i> , «How Social Affect Creativity».	110
Os direitos dos animais.	Direitos dos animais, Edinter	115
A bela das tartarugas	(Adap) João Lopes Filho	117
O ghetto dos meninos de rua.	(Adap) A semana, nº259, de 8/7/96.	120
Ler é bom dá saber. Faz pensar.	(Adap) Maria Isabel Andrade. <i>A face oculta das drogas.</i>	126

Debate.	Parte do programa televisivo: Dois dedos de conversa sobre as gerações de 60 e 80.	129
Os deveres.	Sem autor.	130
Boletim oficial.	Ministério da Educação, Ciência e Cultura. 17 de Fevereiro de 1997. I série, nº 6.	132
Concurso de arte infanto-juvenil: Regulamento.	Sem autor.	134
A fotografia.	Sem autor.	136
Pintando passo a passo.	Asheley Jakson.	143
Como se faz o iogurte.	Sem autor.	144
Em casa não te esqueças.	Sem autor.	145
Nós e a gripe.	Sem autor.	146
Horóscopo.	Sem autor.	147
O desperdício.	O mundo de amanhã, editorial verbo.	148
Banda desenhada.	Sem autor.	149
Não há pai para Doly.	(Adap). Revista expresso, nº 1272 de 15/03/97	151
A ver o cometa passar.	Revista expresso, nº 1274 de 28/03/97	152
Os letreiros.	Pepetela. <i>Vozes em português</i> .	153
Organiza-se.	Sem autor.	154
Auto - avaliação.	(Adap). Projecto Dianóia	155
Antemanhã.	Thiago de Mello. <i>A Canção do Amor Armado</i> .	159
O Homem e a Língua		160
Os olhos do poeta.	Manuel Fonseca, Antologia poética.	161
Sou eu mesma.	Tua Anne. <i>Anne Frank Diário</i> .	162
Onde está a poesia?	Vasco Cabral. <i>A Luta é a Minha Primavera</i> .	163
Duas maneiras de ver um albatroz.	(Adap). Ives Peres e Day Lewis. <i>Clefs pour la poésie</i> .	164
Ser poeta.	(Adap). Alvore Gomes, <i>Enciclopédia Activa vol. 1</i> .	165
Escrever o quê?	Sem autor.	166
Uma estrada.	Maria Menéres. <i>O poeta faz-se aos dez anos</i> .	167
A construção da obra literária.	Umberto Eco	168
Mucula.	Fátima Bettencourt. <i>Sementeira em pó</i> .	169
Quina.	(Adap). Agustina Bessa Luís. <i>A Sibila</i> .	171
Timor. Meninos e meninas.	Fernando Sylvan. <i>Primeiro livro de poesias</i> .	172
Os homens matam-se porque	Ilse Losa. <i>O mudo em que vivi</i> .	174

gostam?		
O único impossível.	Ovídio Martins. <i>Gritarei, Berrarei, Matarei, Não vou para Pasárgada.</i>	175
Glossário.		176

2.4. Funções do manual escolar

Para fazer a análise de um manual é necessário saber algumas funções que ele desempenha no processo de ensino/aprendizagem. É neste sentido que baseando-se num capítulo do livro: *Conceber e Avaliar Manuais Escolares* de Francis Marim Gerard e Xavier Roegiers, para apresentar algumas das funções do manual escolar.

Sendo o trabalho baseado na análise do manual do 9º ano e do programa, achou-se pertinente fazer uma breve passagem por essas funções. Os autores apresentam a seguinte afirmação, “um manual escolar pode desempenhar diferentes funções, que varia de acordo com o respectivo utilizador, a disciplina e o contexto em que o manual é elaborado” (op.cit., p. 74). Defendem ainda que “não existe um manual do professor, este pode desempenhar uma função quando está nas mãos do aluno e uma outra diferente nas do docente”.

Assim sendo apresenta as seguintes funções do manual escolar:

2.4.1. As funções relativas ao aluno

Um das dessas funções estão direccionadas para as aprendizagens escolares e as outras permitem uma interacção entre as aprendizagens escolares e as da vida quotidiana do aluno, quer isto dizer que os manuais devem não só orientar o aluno para uma vida escolar, mas também orienta-lo para uma vida social, de acordo com o meio onde vive.

2.4.2. As funções relativas à aprendizagem

Estas funções dividem-se nas de transmissão de conhecimentos; de desenvolvimento de capacidades e de competências; de consolidação das aquisições e de avaliação das aquisições.

No que concerne a primeira, funções de transmissão de conhecimentos, é para os autores a mais tradicional dos manuais escolares. Os manuais servem para transmitir ao aluno aquilo que ele não sabe, de forma directa e fechada, sem que ele possa criticar. Desta forma os manuais só transmitem o conhecimento quando o aluno aprende: os conceitos, regras, fórmulas, factos, etc. Mas ele, por sua vez, não deve decorar os conhecimentos e repeti-los, deve ter a capacidade e a competência de aplica-los no seu dia-a-dia, ou seja, saber fazer.

A função de desenvolvimento das capacidades também é muito importante, neste sentido os manuais não servem apenas para assimilar conhecimentos, mas também, desenvolver as competências do aluno em outras áreas diferentes daqueles que estão aí tratados, um exemplo aprestado no documento em estudo espelha melhor essa função.

“(…) O caso dos manuais escolares que, por exemplo, ao promoverem a aprendizagem de uma língua, despertam para pesquisa científica, para aprendizagem do resumo, para organização de conhecimentos (…)” Roegiers, op.cit, p. 75.

Para além dos autores acima referidos, Mariana Oliveira Pinto, da Escola Superior de Educação de Viseu, Doutoranda da Universidade do Minho, no seu trabalho intitulado, *Estatuto e Funções do Manual Escolar de Língua Portuguesa*, apresenta a seguinte definição de manual escolar:

O livro escolar é um dispositivo pedagógico central do processo tradicional de escolarização (MAGALHÃES, 1999, p. 285). Nele estão reflectidos os entendimentos dominantes de cada época, relativos às modalidades da aprendizagem e ao tipo de saberes e de comportamentos que se deseja promover (VIDIGAL, 1994, p. 69). O manual apresenta-se, em consequência, fortemente condicionado pelas mutações sociais, económicas, políticas e culturais, quer nos tipos de saberes (que são e

como são) representados, quer nos valores que explícita ou implicitamente veicula.

É neste sentido que CHOPPIN, apud Mariana Pinto, op.cit (1992) analisa os manuais escolares em quatro dimensões:

I) Produto de consumo, dependente das políticas educativas, da evolução demográfica e da capacidade de produção e difusão das empresas;

II) Suporte de conhecimentos escolares;

III) Veículo de um sistema de valores, de uma ideologia, duma cultura;

IV) Instrumento pedagógico, o qual se apresenta.

Ambos os autores defendem a importância dos manuais escolares no processo de ensino/aprendizagem. Apresentam-nos como um fonte de transmissão de conhecimentos que muitas vezes dependem da evolução das sociedades e das políticas educativas de cada sociedade.

Capítulo III - Análise dos textos escolhidos

Neste capítulo iremos analisar alguns textos do manual, entre os quais de autores africanos de língua portuguesa. Será uma análise comparativa entre os textos do manual e as propostas de trabalhos presentes ou não no programa.

Vamos apresentar os textos, respectivos autores, as actividades para a compreensão dos mesmos, ainda vamos mostrar qual é a variedade do português presente.

Agora vai-se apresentar os referidos textos, optamos por fazer uma numeração das mesmas para uma melhor compreensão.

Texto 1

Título: *Um instrumento de força.*

Autor: Amílcar Cabral.

Página: 13

Está na primeira parte do manual – *Línguas em Geração*.

Trata-se de um texto de um autor muito importante para nação cabo-verdiana, visto que é a figura mais importante para a independência do país.

É um texto bastante interessante e que pode despertar nos alunos muita curiosidade, pois trabalha um tema muito importante que é a língua, a sua evolução e importância. A ideia principal do texto é a evolução e a utilidade da língua, mais concretamente da língua portuguesa.

É mostrada a importância desta língua para as ex-colónias de Portugal. O autor chega a afirmar que a língua portuguesa é uma das heranças mais importantes que os colonizadores deixaram às colónias: “O português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas⁶ nos deixaram, porque a língua não é a prova de nada mais senão um

⁶ Expressão utilizada pelo autor para designar os portugueses.

instrumento de para os homens se relacionarem uns com os outros; é um instrumento, um meio para falar (...) as realidades do mundo.”⁷

Actividades propostas para a compreensão do texto:

- De acordo com o autor, a língua avançou muito, mas a nossa não.
- O que faz avançar/desenvolver as línguas?
- Fixa esta questão, porque a partir de agora vais ter oportunidade ler, falar muito sobre isso.
- Quando te achares preparado (a) escreve na página seguinte sobre o que faz avançar as línguas.
- A partir das palavras-chave, reconstitui as ideias principais do autor. Regista-os em frases de tua autoria.

No programa não encontramos nenhuma referência deste texto e consequentemente não há orientações para o trabalho do mesmo.

Texto 2

Título: STOP.

Autora: Maria Alberta Menéres.

Página: 16

Este texto vai na linha do outro já apresentado, tem como assunto a *fala* enquanto faculdade exclusiva dos seres humanos.

Tal como aconteceu no texto anterior, não há nenhuma proposta de actividades no programa para o estudo do mesmo. Mas no manual há várias propostas para a compreensão do texto. É um texto escrito na linguagem padrão.

⁷ Amílcar Cabral in *Manual de Língua Portuguesa do 9º ano*, p. 13.

Actividades propostas para a compreensão do texto:

- Depois de uma leitura responde as seguintes perguntas:
- Quais os fins principais da linguagem natural?
- O que é que todas as línguas têm e que determina a capacidade da linguagem?
- De que é composto o léxico?
- Comunicamos apenas por palavras?

Texto 3

Título: Árvore genealógica das línguas

Autor: Texto adaptado

Página: 20

Tem como principal objectivo mostrar aos alunos a origem da língua portuguesa e a sua “família”.

Ao contrário do que acontece nos textos anteriores, o programa apresenta os objectivos desse texto (exprime, em termos de árvore a evolução de um família ou de uma comunidade; esquematiza a árvore das línguas indo-europeias). Para além desses objectivos também aparecem algumas actividades que o professor pode utilizar para a análise e compreensão do texto (os alunos vão fazer um trabalho colectivo para mostrar a expressão grafo-visual da árvore genealógica das línguas indo-europeias e das línguas bantas).

No manual apenas está uma figura da árvore genealógica das línguas indo-europeias.

Texto 4

Título: Tudo que faço dá em travessura.

Autora: José Mauro Vasconcelos.

Página: 41

É um texto de um autor brasileiro, isto mostra a diversidade de textos presentes no manual.

Tem como ideia principal uma conversa entre um português e um brasileiro. Mostra como apesar de falarem a mesma língua, existem expressões específicas de cada uma delas. O exemplo disso é a palavra “bunda” que para o brasileiro é uma palavra normal, mas já para o português é um palavrão e por isso tenta mostrar ao brasileiro que o correcto seria dizer “nádegas”. Ao longo de todo o texto assistimos um longo debate entre essas personagens em torno da língua portuguesa e das particularidades que nela existem.

Pode-se afirmar que é um bom texto para trabalhar a variedade brasileira da língua portuguesa, serve para ver as diferenças existentes entre a variante brasileira e a europeia.

Constata-se aqui o uso de uma linguagem popular sem nenhum cuidado especial com a língua.

Como actividades de compreensão o livro apresenta as seguintes propostas: primeiro exercício é para os alunos completarem alguns espaços de acordo com o texto. O segundo é para eles simularem o diálogo do texto, trata-se de uma actividade para ser feita pelos alunos em pares. Uma das boas actividades é levar os alunos a identificarem algumas falas do brasileiro e depois reescrevê-las utilizando o português de Portugal. Trata-se de um exercício bastante que vai ao encontro do português utilizado em Cabo Verde, que como se sabe, aqui utiliza-se como a norma europeia.

Texto 5

Título: Quando chegaram os primeiros nativos

Autor: (Adaptado) Basil Davidson

Página: 24

O texto apresenta como ideia principal a chegada a Cabo Verde dos “primeiros nativos”. Pode-se notar no título um erro do autor ao utilizar a palavra *nativo*, pois utilizou-o com o significado de africano. Com a chegada desses africanos e dos europeus surgiu uma língua que mais tarde veio a ser denominada de crioulo de Cabo Verde.

Começa por explicar que quando os primeiros africanos chegaram ao arquipélago e ao entrarem em contacto com outras pessoas mais concretamente com os europeus, tiveram a necessidade de comunicarem uns com os outros assim a junção das línguas africanas com as europeias surgiu uma forma rudimentar da língua que mais tarde evoluiu para o crioulo.

Esse facto deve-se aos africanos que chegaram de países diferentes, logo possuíam línguas e culturas diferentes, sendo assim era necessário aparecer uma língua veicular, tanto entre os africanos como entre eles e os europeus.

Para além de explicar o surgimento da língua cabo-verdiana, o autor também tem a preocupação de mostrar que essa língua tem variantes diversas dependendo de cada ilha do arquipélago.

Termina o texto mostrando a importância das culturas africanas e europeias na nossa cultura.

Actividades propostas para a compreensão do texto:

- Quais os factores que, segundo o autor, fizeram com que surgisse uma cultura especificamente cabo-verdiana?

- Relê o texto e explica, por palavras tuas, como é que nasceu a língua cabo-verdiana.
- Segundo Basil Davidson, apesar de existirem «variantes (do crioulo) de ilha para ilha» há uma «língua nacional bem definida». Por que será?

O programa apesar de mencionar este conteúdo não apresenta o texto para ser analisado.

Texto 6

Título: Crioulidade

Autor: (Adaptado) António Leão Correia e Silva

Página: 26

É um texto que vai na linha do outro, fala essencialmente na questão do crioulo, mas este texto aborda a questão do surgimento das sociedades crioulas, ele apresenta como exemplo os arquipélagos de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe, afirmando que esses dois países, diferenciam dos demais que foram colonizadas pelos europeus e nestes casos pelos portugueses.

O autor defende que há uma crioulidade tanto cultural como social e histórico, desses dois países. Mas Cabo Verde ainda consegue ser uma sociedade única devido ao surgimento de uma classe que não era nem branca nem negra, mas sim era mestiça, sendo assim é um país com uma sociedade e uma cultura mestiça e própria.

Actividades propostas para o estudo do texto:

O manual propõe um debate na disciplina de história sobre os conceitos de *cabo-verdianidade e crioulidade*, o objectivo desse debate é levar os alunos a entenderem os elementos que permitirão explicar a natureza da identidade do povo cabo-verdiano.

Pode-se ver aqui a interdisciplinaridade entre as disciplinas de língua portuguesa e de história. É um dado relevante visto que o aluno consegue interligar os conteúdos duma e doutra disciplina.

Texto 7

Título: A vitória do carnaval

Autor: Manuel Rui

Página: 46

Temos aqui mais um texto de um grande escritor da língua portuguesa, o angolano Manuel Rui. O texto em análise foi retirada da obra *Quem me Dera Ser Onda*. A obra em si fala da situação vivida em Angola logo após independência.

A ideia principal do texto é a história de umas crianças que salvaram o porco de estimação de ser roubado. Toda a história desenrola em torno desses meninos que criavam um porco escondido num prédio em plena cidade, eles conta todas peripécias que acontecem entre eles e o camarada Nazário, que era o responsável da comissão de moradores do prédio.

É um texto com uma linguagem popular não há um rigor na escrita, o autor faz isto para melhor espelhar a própria situação socioeconómica dos personagens, o exemplo disso é a fala utilizada por um desses personagens: “ É um nome bestial. Vocês têm de trazer o gajo aqui na escola para a malta ver.” O autor também utiliza algumas expressões da língua Angola como é o caso de “fnelá” que significa FNLA (Frente de Libertação de Angola).

Actividades propostas para o estudo do texto:

Várias são as actividades propostas para o estudo desse texto, de seguida irei apresentar algumas delas:

- Na origem do desentendimento entre os miúdos e o responsável da comissão de moradores do prédio estava um acto anormal e pouco habitual por parte de Ruca, Zeca e Beto, os personagens da história.

- De que se trata?

- No entanto, para os miúdos, não havia mal nenhum. Porque?

- Na escrita de Manuel Rui, o autor da novela donde se retirou o trecho, usa algumas formas características do português falado na terra dele, Angola.
- Para além das palavras que estão no glossário, encontre expressões e construções que pertencem a essa variedade do Português falado em Angola. Transcreva-as. Este exercício leva os alunos ao texto para levantarem expressões típicas do português angolano e isso leva-os a conhecer melhor essa variedade na língua portuguesa.

Para dar continuidade ao estudo desse texto o manual apresenta uma redacção escrita no português angolano e a proposta que faz é para os alunos transcreverem esse mesmo texto fazendo as alterações necessárias.

Texto 8

Título: A ortografia

Autor: João de Melo

Página: 50

O texto em análise é um artigo de opinião escrito por um professor de português no jornal português *Público Magazine*, sobre os erros ortográfico e as suas respectivas correcções.

O autor começa por afirmar que a maioria dos erros são irreversíveis ou irreconhecíveis. Depois disso ele mostra que o trabalho para corrigir esses erros é incutido somente aos professores de português, os professores das outras disciplinas ignora-as ou por simplesmente sublinha-os. Os professores de português para além de terem esse trabalho árduo que é corrigir os alunos, muitas vezes são “crucificados” e são responsabilizados pelo mau português falado pelos alunos.

Para continuar o artigo o autor apresenta o exemplo de figuras públicas que falam mal ou muito mal o português, como é o caso de alguns jornalistas ou atletas que ao falarem ao público cometem imensos erros.

Termina o texto dando o exemplo de uma fala utilizada por um estudante a uma rádio. O estudante ao justificar uma turbulência numa manifestação estudantil disse: “ as pessoas estavam um pouco excedidas” em vez de dizer excitadas.

Actividades propostas para a análise do texto:

O manual propõe um debate sobre os erros ortográficos. De seguida orienta os alunos a prestarem atenção nos erros dados na comunicação social.

Com esse exercício os alunos podem tomar consciência dos erros que os jornalistas muitas vezes comentem e com essa tomada de consciência eles mesmos também podem autocorrigir-se.

Para terminar o estudo do texto é elencado uma série de manuais que os alunos devem consultar e esclarecer as dúvidas e não cometer certos erros ortográficos (dicionários de sinónimos, de verbos, de termos linguísticos, de entre outros manuais essenciais para o aperfeiçoamento da escrita e da fala da língua portuguesa).

Texto 9

Título: A idade não perdoa

Autor: (Adap) Germano Almeida

Página: 63

Está-se aqui mais uma vez a analisar um texto de autor cabo-verdiano, neste caso o bem conhecido Germano Almeida. O presente texto foi retirado duma das suas obras, *O Testamento do Senhor Napumoceno da Silva Araújo*, e adaptado pela autora do manual.

Este extracto da obra tem como destaque a velhice da personagem principal, o senhor Napumoceno, mostra a relação que este tinha com a sua empregada. Ele tinha um grande apreço por ela, a ponto de fazê-la sua herdeira deixando-lhe em testamento parte da sua fortuna. Este momento narrativo, em que Napumoceno faz o seu testamento, corresponde em retrospectiva aquele em que a sua saúde já estava bastante debilitada.

Um aspecto importante a reter nesse texto é a forma de escrever do autor, aliás o que é bem conhecido nas outras obras de Germano Almeida. Pode-se ver a forma pouco convencional com que ele pontua o texto, e quem for ler a obra na íntegra vai confirmar que essa mesma forma se mantém ao longo de todo o livro.

O manual aproveita muito bem esta situação para levar os alunos a reflectirem sobre os sinais de pontuação.

Actividades propostas para compreensão do texto:

No manual apenas encontramos duas actividades e ambas dizem respeito aos sinais de pontuação.

- Os escritores permitem-se certas práticas, na forma de pontuar, por exemplo.
 - Que achas de diferente na pontuação deste texto?
 - Ficou mais original assim ou com a pontuação que se utiliza normalmente?
- Faz uma apreciação pessoal.

Texto 10

Título: O único impossível

Autor: Ovídio Martins.

Página: 175

Para terminar a análise dos textos achou-se pertinente escolher um poema, de um dos maiores poetas cabo-verdianos e que teve um importante papel na senda da literatura cabo-verdiana: Ovídio Martins (cujo *Gritarei Berrarei, Matarei, Não vou para Pasárgada*, é considerado o protótipo do poema anti-evasão).

Este poema, *O único impossível*, tem como ideia principal a liberdade que os poetas têm, logo o sujeito poético tente mostrar que é impossível impedir um poeta de se expressar. Pode ser ver isto neste trecho do poema: “ Mordaças a um poeta? Loucura (...) era mais fácil engolir o mar, extinguir o brilho dos astros”.

IV

4.1. Análise dos questionários

Este capítulo centra-se essencialmente na análise dos dados recolhidos no questionário feito aos professores do 9º ano da disciplina de língua portuguesa da Escola Secundária Abílio Duarte. Depois dessa análise serão apresentadas propostas de textos e actividades para preencher as lacunas do manual.

Ainda nesse mesmo capítulo vai-se apresentar o resultado da assistência de algumas aulas e da minha experiencia com estagiário, numa turma do 9º ano da escola acima referida.

Foi feito um questionário aos professores do 9º ano da disciplina de Língua Portuguesa da Escola Secundária Abílio Duarte, com o objectivo de saber a sua opinião sobre o manual e o programa em estudo e a fim de enriquecer o trabalho visto que, estão em contacto com estes dois documentos durante o ano lectivo.

Dos seis professores da disciplina do português, apenas quatro responderam ao questionário.

Trata-se de um questionário com nove (9) perguntas, sendo alguns com algumas alíneas. É um questionário com perguntas directas e outras abertas.

De seguida vai-se apresentar o resultado da análise feita aos questionários.

A primeira pergunta tem como objectivo saber qual é a formação académica dos docentes. Constatou-se que todos os inquiridos têm uma Licenciatura na área de língua portuguesa, ramo ensino, nomeadamente *Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses – Ramo Ensino*.

Com essa questão podemos ver que os docentes estão bem preparados para o desempenho de professor de Língua Portuguesa, pois estão habilitados com formação para tal.

A segunda questão foi feita para saber se os professores têm ou não acesso ao programa.

Todos os inquiridos responderam que sim, porque o conhecimento do programa facilita na preparação dos conteúdos a serem leccionados, outro motivo para terem o programa é que o seu acesso foi facilitado pelo coordenador da disciplina.

É muito útil saber que os professores têm acesso ao programa, uma vez que é um instrumento fundamental para uma boa prática docente.

Queria saber também se o programa vai ao encontro da realidade dos alunos.

A maioria diz que só em parte, tem uma opinião favorável no que concerne aos conteúdos da língua e da cultura cabo-verdiana, mas isto já não acontece com outros conteúdos programáticos. Vê-se aqui que os conteúdos da realidade, da cultura e do quotidiano dos alunos são mais ou menos bem tratados, mas para os professores falta alguma coisa para que o manual possa estar em sintonia com a realidade dos alunos.

Uma questão com uma importância para a análise comparativa entre o manual e o programa é se o primeiro segue o outro.

Todos afirmam que seguem na sua maioria o programa, mas existem conteúdos que estão propostos no programa, no entanto, não estão no manual.

Perguntou-se também aos professores se seguem o manual, todos responderam que sim, porque o programa assim exige, para além de ser uma exigência do próprio Ministério.

Falando das estratégias utilizadas para levar os alunos a trabalharem com o manual, dois dos inquiridos afirmaram que fazem a leitura e a análise na sala de aula dos textos seleccionados nas reuniões de coordenação, outro opta por mandar os alunos fazerem uma leitura em casa só depois é que esses textos são trabalhados na escola, desses professores um não respondeu a essa pergunta.

Para finalizar o questionário fez as seguintes perguntas: perguntou-se se o manual satisfaz todas as necessidades dos alunos e se este precisa ser revisto. Dois docentes responderam que sim a primeira pergunta e dois responderam negativamente. Os que responderam que sim justificam as suas respostas com facto de o manual ser bem concebido e de acordo com a faixa etária dos alunos. Os que responderam não dizem

que muitas vezes têm de recorrer a outras pesquisas para aprofundar determinados conteúdos.

No que toca a revisão do manual os professores são unânimes em afirmarem que este deve ser revisto. Justificam as respostas dizendo que o manual deve ser actualizado de acordo com as novas exigências dos alunos e da própria sociedade cabo-verdiana e também próprio contexto da globalização que exige sempre mais e melhor.

4.2. Aulas assistidas durante o estágio pedagógico

Durante o meu percurso como estudante, passei por um estágio pedagógico no último ano. Esse estágio foi feito por etapas, a primeira foi assistência das aulas da orientadora e a segunda a regência de aulas. No que concerne a regência de aulas cada estagiário regeu dez aulas.

Neste trabalho irei apresentar a minha visão das aulas regidas pela orientadora, e por mim, na turma 9º A da Escola Secundária Abílio Duarte. Primeiramente apresentarei um relatório das aulas da professora orientadora e só depois a minha visão do que foi o meu percurso.

Relatório de assistência às aulas

Para iniciar queria esclarecer que a assistência das aulas não começou logo no início do ano lectivo, o que poderá condicionar um pouco a minha análise. Porque não consegui observar uma parte importante do programa que é o estudo do manual, a forma como foi elaborada e a sua estrutura.

A primeira aula a que assisti foi uma aula de preparação para o teste sumativo, foi essencialmente a revisão dos conteúdos já leccionados.

A segunda aula a que assisti da orientadora teve como conteúdo: *A Expansão da Língua Portuguesa*.

A aula iniciou com a esquematização da árvore genealógica das línguas Indo-Europeias

Indo – europeus (Arianos) – Germânicos

-Célticos

-Helénico

Itálico – Osco-úmbrio

-Latim

-Francês

-Castelhano

-Catalão

-Português

De seguida viu-se as variedades crioulas e não crioulas

1-Variedades crioulas.

A - Crioulos em África:

- Crioulos do arquipélago de Cabo Verde ;
- Das ilhas do Golfo da Guiné (de São Tomé, do Príncipe e do Ano Bom, na Guiné Equatorial);
- Crioulos continentais (da Guiné-Bissau e de Casamansa no Senegal);

B - Crioulos em Ásia

- Malaca
- Macau

2-Variedades não crioulas:

- No Brasil;
- Nos PALOP;

Pode-se ver que a professora cumpriu o conteúdo do programa sobre a origem e as variedades da língua portuguesa.

Durante as aulas consegui constatar que os alunos dominam quase na sua totalidade essa matéria e com se tratando de um conteúdo muito importante para a disciplina de língua português, os alunos estiveram em bom plano.

Todo o estudo desse conteúdo baseou na sua totalidade no manual, este foi o suporte mais utilizado pela professora para explicar o conteúdo.

Neste aspecto sou de opinião que os alunos deveriam ter um a papel mais activo no desenvolvimento do conteúdo, a professora bem que poderia ter passado um trabalho de grupo onde cada grupo iria apresentar o resultado da sua investigação. Por exemplo mandar cada grupo pesquisar e levar para aula as características das diferentes variedades dos crioulos da língua portuguesa. Muitas vezes é bom levar os alunos a adquirirem por si só os conhecimentos.

A terceira assistência foi no dia sete e nesse dia o conteúdo trabalhado foi: *A origem do crioulo*.

A aula começou com a leitura da imagem que acompanhava o texto “Quando Chegaram os Primeiros Nativos” do manual do aluno. De seguida os alunos fizeram a leitura silenciosa e expressiva do texto e na sequência a professora fez algumas perguntas de interpretação do mesmo.

Na sequência a professora fez no quadro a sistematização da aula, pondo em ênfase os factores que segundo Basil Davidson fizeram com que Cabo Verde tivesse uma cultura própria. Este estudioso apresenta os seguintes factores: crioulo (a língua nacional); a música (morna): a dança e outros ritmos próximos da cultura africana.

Apesar da diversidade dos crioulos (variantes de sotavento e barlavento), o crioulo é mutuamente compreendido entre os cabo-verdianos.

Língua nacional é a língua de união nacional, compreendida por toda a nação. É a língua falada passivamente num país ou numa comunidade.

No final pediu aos alunos que procurassem informações sobre o autor do texto e o conceito de língua materna. Neste caso pode-se ver a preocupação da professora em levar os alunos a procura de informações que lhe podem ser úteis, através dos trabalhos de casa.

Na quarta assistência o conteúdo foi: *As Fases da Evolução do Crioulo*

Antes de entrar no assunto programado para a referida aula a professora e os alunos fizeram a socialização do TPC sobre o conceito de Língua materna (aquela que é apreendida como primeiro instrumento de comunicação, desde a mais tenra idade e é utilizada no País de origem do sujeito falante). Ex: crioulo de Cabo Verde.

Posteriormente a docente pediu aos alunos que fizessem a leitura do texto “Fases da evolução do Crioulo” e depois indicou alguns alunos para ler em voz. Terminada a leitura mencionaram os dados do autor do texto em análise.

Para terminar sistematizaram as fases da evolução do crioulo: pidgin, proto-crioulo e crioulo.

A 1ª fase é a língua de urgência, a forma mais rudimentar da comunicação verbal.

Quando os nativos chegaram para trabalharem como escravos, tiveram necessidades de comunicarem com os chefes, então misturaram o português com a sua língua, foi assim que surgiu o pidgin.

A 2ª fase é o aperfeiçoamento do pidgin, com o maior número de vocábulos e com um sistema gramatical muito simples.

A 3ª fase apresenta formas gramaticais correctas e mais complexas do que as utilizadas na fase anterior, com o maior número de vocábulos.

Assim terminou a aula do dia nove.

A quinta assistência que teve seu início no dia doze foi uma aula de entrega e correcção do teste.

Antes da entrega do teste, a professora falou dos critérios que utilizou para o corrigir. Na correcção os alunos diziam as respostas e a professora reforçava. Os alunos ficaram por terminar a correcção em casa porque o sino tocou.

Na penúltima assistência a aula começou com a leitura silenciosa do texto “Factores Condicionantes de Evolução das Línguas de Comunicação Verbal”. De seguida foi feita a leitura expressiva pelos alunos e pela professora.

Depois de uma leitura expressiva feita pela professora, ela fez referência sobre o autor do texto (só para relembrar, visto que, já tinha sido abordado na aula anterior) e depois fez algumas perguntas de interpretação e compreensão do texto.

Depois pediu aos alunos que registassem os factores condicionantes de evolução do crioulo:

- No encontro de dois grupos de culturas e línguas diferentes num determinado espaço geográfico (grupo minoritário e grupo majoritário), o grupo minoritário com maior poder político, económico, tenta impor ao grupo majoritário a sua cultura.
- A fixação e a estabilização prolongada desses grupos em território protegido por barreiras, se possível naturais, que assegurem o isolamento do grupo dominado em relação às suas fontes originárias de culturas, com vista a eliminá-las ou transformá-las, pelo menos na segunda ou terceira geração.
- O contacto assíduo e prolongado entre os dois grupos.

Para terminar a aula do dia catorze a professora pediu aos alunos que verificassem o significado de todas as palavras desconhecidas no texto e tentassem sintetizar o 2º e 3º factor.

4.3. Algumas propostas para possíveis melhorias do manual

Um dos aspectos que foi constatado durante a análise do manual é a ausência muitas vezes das biobibliografias dos autores dos textos. Neste sentido propõe-se colocar nas actividades de análise do texto um item relativo a vida e obra do autor do referido texto. Isto não quer dizer que no manual deve estar essa informação, esta deve levar os alunos a chegarem a elas através de pesquisas.

A maioria dos professores apontam que o manual deve ser revisto, é por isso que achou-se por bem propor a actualização de alguns itens do manual. O livro apresenta os seguintes países que falam a língua portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Portugal, com a actualização do manual Timor Leste também será apresentado na lista dos países falantes da língua portuguesa.

A língua cabo-verdiana, ou o crioulo de Cabo Verde, também deve ser mais aprofundada na disciplina de língua portuguesa, uma vez que não existe uma disciplina de língua que se estuda de uma forma mais profunda a língua cabo-verdiana.

O questionário com não continha a questão da língua cabo-verdiana, não se conseguiu saber as suas opiniões.

Os alunos devem conhecer de forma mais profunda a sua língua materna e isto pode melhorar o seu desempenho na língua portuguesa.

Alguns textos do manual precisam aprofundar mais o assunto, é o caso do texto, *Quando Chegaram os Primeiros Nativos*, da página 24, para complementar esse texto propunha-se a inclusão no manual o texto: *Prelúdio* de Jorge Barbosa.

Prelúdio

Quando o descobridor chegou à primeira ilha
nem homens nus
nem mulheres nuas
espreitando
inocentes e medrosos
de trás da vegetação.

E a vegetação
cujas sementes vieram presas
nas asas dos pássaros
ao serem arrastadas para cá
pela fúria dos temporais.

Nem setas venenosas vindas no ar
nem gritos de alarme e de guerra
ecoando pelos montes.

Havia somente
as aves de rapina
de garras afiadas
as aves marítimas
de voo largo
as aves canoras
assobiando inéditas melodias.

Quando o descobridor chegou
e saltou da proa enterrando o pé direito
na areia molhada
receoso ainda e surpreso
pensando n'El-Rei
nessa hora então
nessa hora inicial
começou a cumprir-se
este destino ainda de todos nós.

Jorge Barbosa.

V. Considerações finais

Para a realização do trabalho foi necessário muito esforço e muita dedicação, apesar de algumas dificuldades encontradas, nomeadamente a falta de algumas bibliografias necessárias para o desenvolvimento do mesmo.

O objectivo principal era fazer a análise comparativa do manual do 9º ano e do programa do 2º ciclo da disciplina de língua portuguesa. Com esta análise conclui-se que estes documentos são fundamentais no trabalho do professor, o manual é o principal instrumento de estudo da disciplina, e o programa orienta os professores durante no desempenho das suas funções.

Todos autores consultados são de opinião que o manual e o programa devem estar uma em sintonia com a outra, apesar disto na opinião de Ferraz, o manual nunca é uma cópia do programa, os autores dos manuais utilizam o programa como documento orientador para fazerem o manual e este também deve ir ao encontro do que está proposto no programa.

Pôde-se ainda concluir que o manual segue as directrizes propostas no programa, mas enquanto o programa organiza-se em quatro partes (As Línguas em Geração, Língua e Sociedade, A Língua e o Homem, A Língua e a Vida Profissional), por sua vez o manual organiza-se apenas em três (Línguas em gestão, Língua e Sociedade, O Homem e a Língua). Esse foi um dos aspectos apontados pelos professores no questionário a que responderam.

Todos os professores inquiridos afirmam que o manual segue o programa excepto na questão da divisão, isto porque a divisão do primeiro não vai ao encontro da do segundo.

Outra conclusão retirada é a necessidade da revisão ou da actualização do manual, visto que apresenta alguns conteúdos que precisam ser revistos ou acrescentados. É o caso do conteúdo sobre as variantes da língua portuguesa. Também é de extrema importância incluir de forma mais profunda a questão da língua cabo-verdiana, os alunos precisam saber mais e melhor desta língua.

VI - Referências bibliográficas

ALMADA, Dulce. *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia: Spleen. 1998.

Constituição da República de Cabo Verde. Assembleia Nacional. Praia: 2ª Edição, 2007.

DE MATOS, Alice Gomes Fernandes. *Ensino Secundário. Língua Portuguesa - Manual. 9º Ano de Escolaridade*. República de Cabo Verde. Ministério da Educação, Ciência e Cultura.

DUARTE, Inês. *Língua Portuguesa. Instrumento de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.

GALISSON, R. e COSTE, D. *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

GERARD, Francois Marim e ROEGIERS, Xavier. *Conceber e Avaliar Manuais Escolares*. Porto Editora, 1998.

FARIA, Izabel et alli. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

LIMA, Maria de Lourdes. *Confluências das Línguas Caboverdina e Portuguesa. Perspectiva interdisciplinar* (Tese de Mestrado em Estudos Africanos). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

LOPES, Amália de Melo. *A aula de Português. Reflexão crítica sobre a prática de ensino da produção escrita*. São Vicente: Edições Clabedotche, 2003.

Programa da disciplina de Língua Portuguesa. 2º Ciclo. 9º e 10º anos.

VEIGA Manuel. *Construção do Bilinguismo*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2004.

Web-grafia

<http://www.estacaodaluz.org.br>.

<http://www.google.pt>. PINTO, Mariana Oliveira. Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653). (Consultado em 10 de Julho de 2010).

<http://www.revistacontingentia.com> Karen Pupp Spinassé. (Consultado em 25 de Outubro de 2009).

VI - Anexo

Questionário aplicado aos professores

Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses

O presente questionário é dirigido aos docentes do 9ºano, da disciplina de Língua Portuguesa da Escola Secundária Abílio Duarte. Visa obter contributos dos professores para a realização do trabalho de fim de curso cujo tema é: ***Articulação Progressiva entre os Conteúdos Programáticos da Língua Portuguesa: Análise Crítica do Manual do 9º ano e do programa do 2º ciclo.***

Desde de já agradece o contributo de todos.

QUESTIONÁRIO

1. Formação académica.

2. Tem acesso ao programa da disciplina?

2.1 Sim____ Não____

2.2 Porque?

3. O programa vai ao encontro da realidade dos alunos?

3.1 Sim _____ Não_____

3.2 Porque?

1. O Manual segue ou não o programa?

2. Segue o Manual?

2.1 Sim ____ Não ____

2.2 Porque?

3. Quais foram as estratégias utilizadas para levar os alunos a trabalharem com o manual?

4. As estratégias para a compreensão do texto no manual são as mais adequadas?

4.1 Sim ____ Não ____

4.2 Porque?

5. O Manual satisfaz todas as necessidades dos alunos?

5.1 Sim ____ Não ____

8.2 Porque?

6. O Manual precisa de ser revisto?

9.1 Sim ____ Não ____

9.2 Se sim quais os aspectos que precisam ser revistos ou substituídos?

Muito obrigado

Lévine Fonseca Silva